

Beryllium Co. e da Beryllium Brush; o lítio e a ilmenita eram da Orquima, mero biombo de empresas estrangeiras; o magnésio era da Magnesium S. A.; tanto a cassiterita como o estanho eram controlados pela Phillip Brothers; empresas estrangeiras dominavam também o amianto.²¹ Não era tudo: a Shell decidira entrar na mineração.²² E a Volkswagen, para não ficar atrás, decidira investir um bilhão de cruzeiros na região amazônica.²³ Decidira, também, constituir a sua própria financeira.²⁴ Chamava-se a tudo isso: diversificar. E a Volkswagen, realmente, diversificava: exportava 30.000 veículos para a África e Golfo Pérsico²⁵, enquanto tratava de fundar, no Iraque, empresas de montagem e distribuição de veículos.²⁶

Em 1974, com a eclosão da crise do petróleo, em escala mundial, gerou-se uma espécie de pânico programado, para que o Brasil acabasse de liquidar o pouco que restava da Lei 2.004, que estabeleceu o monopólio estatal na exploração petrolífera. Voltamos ao tempo em que pontificava Mr. Link — que aliás, em dias próximos, veio matar as saudades do Brasil, como o general Walters — quando a doutrina estabelecida era aquela dos tempos do general Juarez: o Brasil não tem petróleo. E como não tem, é preciso ir perfurar no Iraque, no Irã, na Líbia, na Colômbia, etc. e tal. Mas só esse tema esgotaria um livro. O importante, para o nosso caso, para o que este livro visa, é denunciar como a chamada crise do petróleo — quando os produtores decidiram fixar os preços que lhes convinham, fazendo, aliás, com que os lucros das multinacionais petrolíferas aumentassem brutalmente — apenas desvendou a crise geral, não sendo, portanto, causa dessa crise. Com repercussões no Brasil, evidentemente, pois só um ingênuo ou um impostor pode afirmar que poderíamos constituir uma ilha de prosperidade num mundo em depressão. Daí surgir, em primeiro plano, com visos de alarma, o problema do balanço de pagamentos. Tratava-se, mais uma vez, de simples aspecto, da aparência e não do fenômeno. O fenômeno, na verdade, era o desmoronamento do “modelo brasileiro de desenvolvimento”, destituído de sua categoria de milagre.

As nossas exportações de mercadorias — em que se inclui, naturalmente, tudo o que as multinacionais fabricam aqui, porque é mais barato para elas, embora mais caro para nós — ascenderam de 1.750 milhões de dólares, em 1966, para 6.200 milhões, em 1973, sendo estimadas em cerca de 8.000 milhões, em 1974; mas as importações cresceram também, de 1.300 milhões, em 1966, para pouco mais de 6.000 milhões, em 1973, sendo estimadas em 12.000 milhões, em 1974. Se isso for confirmado — e está sendo, conforme os dados de 1º semestre de 1974, já disponíveis — o pequeno saldo de 1973, da ordem de 180 milhões de dólares, será substituído por um déficit da ordem de 4.000 milhões de dólares. Isto, note-se, só em troca de mercadorias. Os dispêndios no exterior, quanto a serviços, sempre foram negativos, mas crescentes, passando de 440 milhões de dólares, em 1966, a 2.800 milhões, em 1974, segundo estimativas. O déficit em transa-

²¹ O apanhado é de Hélio Fernandes: “Minério: riqueza e pobreza do Brasil”, *Tribuna da Imprensa*, Rio, 10 de setembro de 1974.

²² No *Jornal do Brasil*, Rio, 24 de abril de 1974.

²³ No *Jornal do Brasil*, Rio, 17 de maio de 1974.

²⁴ Na *Tribuna da Imprensa*, Rio, 6 de setembro de 1974.

²⁵ No *Correio da Manhã*, Rio, 22 de março de 1974.

²⁶ No *Jornal do Brasil*, Rio, 27 de julho de 1974.